



A comunidade, um tema ainda necessário: ecos da Encíclica *Fratelli Tutti* do Papa Francisco

The community, a still necessary topic: echoes of
Pope Francis' Encyclical *Fratelli Tutti*

*Rogério L. Zanini**

FTCHPF

*Edivaldo José Bortoleto***

UFES

Recebido em: 21/10/2023. Aceito em: 21/11/2023.

Resumo: *O objetivo deste artigo é refletir o tema da comunidade tendo por base a Encíclica Fratelli Tutti do Papa Francisco. A questão que instiga se refere à pertinência da comunidade cristã, que por um lado, abraça o coração da experiência de fé cristã, mas, por outro lado, vem sendo corroída devido à força motriz proveniente de uma sociedade sem coração, com as marcas do individualismo e da cultura da indiferença. A nossa hipótese de trabalho é que a comunidade na ótica da amizade social, ou amor social, desenvolvida por Papa Francisco comporta um caminho histórico-salvífico para a humanidade. Esta hipótese está ancorada na FT, quando o Papa Francisco, afirma que “perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras” (FT-6).*

Palavras-chave: *Papa Francisco; comunidade; Fratelli Tutti; pessoa humana.*

Abstract: *The objective of this article is to reflect the theme of community based on Pope Francis' Encyclical Fratelli Tutti. The question that instigates refers to the pertinence of the Christian community, which on the one hand, embraces*

* Doutor e Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC-RS, 2020). Professor da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas de Passo Fundo.
E-mail: zaninipastoral@hotmail.com – <https://orcid.org/0000-0001-8771-3799>.

** Doutor em Comunicação e Semiótica (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP, 2003). Doutor em Educação (Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), 2010). Mestre em Filosofia da Educação (Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), 1993). Graduado em Filosofia (Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMP), 1983). Bacharelado em Teologia (Faculdade Unida de Vitória (FUV) – Vitória, ES), e professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).
E-mail: ejbortolo@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0002-7748-8361>.





the heart of the experience of Christian faith, but, on the other hand, has been eroded due to the driving force coming from a heartless society, with the marks of individualism and the culture of indifference. Our working hypothesis is that the community from the perspective of social friendship, or social love, developed by Pope Francis entails a historical-salvific path for humanity. This hypothesis is anchored in FT, when Pope Francis states that "in the face of the various current ways of eliminating or ignoring others, we are capable of reacting with a new dream of fraternity and social friendship that is not limited to words" (FT-6).

Keywords: *Pope Francis; community; Fratelli Tutti; human person.*

Introdução

Buscando a origem da palavra comunidade, encontramos que se origina do latim COMMUNITAS, “comunidade, companheirismo”, e de OMMUNIS, “comum, geral, compartilhado por muitos”. Trata-se de uma palavra bastante sugestiva comum-idade, na qual são compartilhados valores, culturas, histórias de vida, espaço da diversidade em todos os âmbitos da vida humana.

A comunidade, para os cristãos, se constitui em uma perspectiva teológica que forma um universo de valores coerentes a uma prática de testemunho, e que decide a qualidade das relações e fortalece os vínculos de pertencimento, de solidariedade e de fraternidade universal. É a vivência do Batismo que introduz no caminho da salvação (Cl 1,21-23) e onde os batizados são chamados a viver o compromisso assumido, isto é, a renúncia ao mal e o cultivo da fé trinitária, onde não há mais judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher, pois todos são um só, em Cristo Jesus (Gl 3,28).

À luz da *Fratelli Tutti*, podemos perceber que a comunidade de Jesus se articula perante duas dimensões fundamentais que continuam válidas para o futuro da humanidade: o amor aos humanos, particularmente aos pobres e sofridos e o cuidado e a defesa da casa comum. “Semeou paz por toda a parte e andou junto dos pobres, abandonados, doentes, descartados, dos últimos” (FT-2). “Perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras” (FT-6). E “cuidar do mundo que nos rodeia e sustenta significa cuidar de nós mesmos. Mas precisamos nos constituir como um ‘nós’ que habita a casa comum” (FT-17).

O objetivo desta reflexão é tomar os conceitos de comunidade cristã e pessoa humana ligando-os com *amizade social*, no sentido de compreender sua pertinência no contexto atual diante de “as sombras dum



mundo fechado”, como tem chamado o Papa Francisco (FT-Capítulo I). Por isso, o presente texto busca em primeiro lugar localizar a partir da Encíclica, a importância da comunidade como condição necessária na superação do individualismo e da cultura da indiferença. E neste ponto, há uma ênfase na compreensão da dimensão da amizade social como proposta para ressignificar a fraternidade universal, na forma enfatizada pelo Papa Francisco. Em segundo lugar, recorreremos ao conceito de pessoa humana porque a comunidade como amizade social faz-se necessária na dialética em curso, para mirar a questão da pessoa. *Comunidade e Pessoa* se dialetizam enquanto momentos necessários e indissolúveis, pois uma dimensão é intrínseca à outra e vice-versa. Seguimos com a reflexão para em terceiro lugar, destacar o modo como a missão evangelizadora da Igreja exige a amizade social. Isto é visível porque somos uma família comum com um propósito comum. Daí o imperativo de construirmos uma comunidade de solidariedade e pertença, que acabe por fortalecer e impulsionar as pastorais sociais, bem como fundamentar uma fé genuinamente cristã preocupada com a integridade da vida, como vem apresentada na parábola do Samaritano.

1 Ninguém se salva sozinho: viver no barco da comunidade

É fundamento da fé cristã a convicção de que a salvação é comunitária. “Os discípulos de Jesus são chamados a viver em comunhão com o Pai (1Jo 1,3) e com seu Filho morto e ressuscitado, na comunhão do Espírito Santo” (1Cor 13,13)” (DAp-155)). Continuam os Bispos em Aparecida afirmando: a fé em Jesus Cristo nos chegou através da comunidade eclesial. “Isso significa que uma dimensão constitutiva do acontecimento cristão é o fato de pertencer a uma comunidade concreta na qual podemos viver uma experiência permanente de discipulado e de comunhão com os sucessores dos Apóstolos e com o Papa” (DAp-156). Já a constituição dogmática *Lumen Gentium*, afirmava: “Aproveu a Deus santificar e salvar os homens não singularmente, sem nenhuma conexão uns com os outros, mas constituí-los num Povo” (LG-9).

Com o Papa Francisco encontramos a mesma insistência e clareza quando afirmou em sua primeira exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*:



Deus [...] escolheu convocá-los como povo, e não como seres isolados. Ninguém se salva sozinho, isto é, nem como indivíduo isolado, nem por suas próprias forças. Deus atrai-nos, no respeito da complexa trama de relações interpessoais que a vida numa comunidade humana supõe (EG-113).

É interessante observar que a formação da comunidade, segundo a fé cristã, procede do critério da universalidade salvífica, próprio da dinâmica do Evangelho, dado que o Pai quer que todas as pessoas sejam salvas. Seu plano de salvação consiste em “submeter tudo a Cristo, reunindo n’Ele o que há no céu e na terra” (Ef 1,10). Caminho fecundo que abre um feixe de luz para a vida cristã, porque por um lado, leva a valorizar a história de salvação e a presença encarnada do Evangelho na vida sem pretender elaborar um pensamento desligado deste tesouro da vida de carne e osso. Por outro lado, este critério impele a pôr em prática a Palavra, a realizar obras de justiça e caridade nas quais se torne fecunda esta Palavra. “Não pôr em prática, não levar à realidade a Palavra é construir sobre a areia, permanecer na pura ideia e degenerar em intimismos e gnosticismos que não dão fruto, que esterilizam o seu dinamismo” (EG-233).

Ora, a convicção cristã da presença atuante de Deus na história, como o *Deus conosco*, bem como o valor irrenunciável da comunidade, foi sendo enfraquecida ao longo da história. Por diferentes motivos, a comunidade deixou de constituir-se no centro da vida cristã como prática dos batizados. Entre os motivos está a marca de uma sociedade fragmentada, perda dos valores éticos e morais, crescimento das subjetividades, individualismo, cultura da indiferença provocada pelo sistema capitalista e outros.

Nas palavras do Papa Francisco: “em última análise, uma vida fechada a toda a transcendência e entrincheirada nos interesses individuais” (FT-113). Como isso, Deus também deixou de ser perceptível nas rodas de conversas para assumir impulsos ocasionais perante as necessidades incontornáveis pelos humanos. O teólogo chileno Segundo Galilea ainda na década de 90, em uma reflexão muito pertinente para os dias atuais, denominou de “demônios do apostolado”, esta concepção que se distancia de um Deus acolhedor, misericordioso, e que se personifica na coletividade, na relação com o outro/a, para se tornar abstrato e genérico, e que não leva em conta a situação concreta das pessoas e das sociedades e, sobretudo, dos pobres, marginalizados e sofredores



que se encontram em nossas comunidades Para esta reflexão interessa trazer em discussão sua reflexão sobre o “demônio do messianismo”. De acordo com Segundo Galilea:

O messianismo constitui basicamente uma atitude deficiente em relação a Deus: eu sou o “piloto” e o Senhor é o “copiloto” ajudante. Quem cai nesta tentação, não é que deixe de levar Deus em conta, de rezar e de recorrer a Ele diante dos problemas, mas o faz para que Deus simplesmente lhe ajude no apostolado que ele próprio dirige e planeja. Em última análise, se busca incorporar o Senhor em nosso trabalho e não de nos incorporarmos no trabalho de Deus, que é o específico do apostolado: Deus é o “piloto” e eu sou o “copiloto” ajudante. Trata-se, inconscientemente, de substituir o messianismo de Cristo, o único evangelizador, pelo nosso messianismo pessoal.¹

Na atualidade, o Papa Francisco, chama este caminho de pior do que o relativismo doutrinal. “Tem a ver com as opções mais profundas e sinceras que determinam uma forma de vida concreta. Este relativismo prático é agir como se Deus não existisse, decidir como se os pobres não existissem, sonhar como se os outros não existissem, trabalhar como se aqueles que não receberam o anúncio não existissem” (EG-80).

Por sua vez, como na cena de Jesus com os discípulos, enquanto o barco avança em águas tranquilas, nada os impele a invocar a Deus, mas quando o barco começa a balançar – *o salva-nos* aparece de forma impositiva por parte dos discípulos para com Jesus. E aí expressões como: “Deus eu lhe ordeno para curar, libertar, resolver este problema de maneira urgente”, tornam-se normais e denotam a falta de escrúpulos perante Deus.

Nesta direção podemos encontrar as referidas palavras do Papa Francisco quando se refere às tragédias como oportunidades para refletir sobre os rumos da humanidade. Assim, Papa Francisco diz que:

é verdade que uma tragédia global como a pandemia do Covid-19 despertou, por algum tempo, a consciência de sermos uma comunidade mundial que viaja no mesmo barco, onde o mal de um prejudica a todos. Recordamo-nos de que ninguém se salva sozinho, que só é possível salvar-nos juntos (FT-32).

¹ GALILEIA, Segundo. *Tentación y Discernimiento*. Madrid: Narcea, 1991. Disponível em: <https://diocesevaladares.com.br/os-demonios-do-apostolado-segundo-galilea/>.



Como os discípulos, no meio do mar agitado e com a *água entrando no barco*, nestes momentos de desespero e de tragédia, a comunidade se percebe vulnerável e que seus projetos são baseados em falsas seguranças. A realidade da pandemia desfez programas, projetos, hábitos e prioridades. “Com a tempestade, caiu a maquiagem dos estereótipos com que mascaramos o nosso ‘eu’ sempre preocupado com a própria imagem” (FT-32).

O teólogo Leonardo Boff, ressalta aquilo que considera inovador face ao magistério anterior dos Papas. Para ele, o inovador é que o Papa Francisco “apresenta uma alternativa paradigmática à nossa forma de habitar a casa comum, submetida a muitas ameaças”. Aponta para as “sombras densas” e chama para um novo paradigma civilizatório, porque “atualmente não há um projeto comum para a humanidade” (FT-18). Para Boff, “um fio condutor passa por toda a encíclica: “a consciência de que ou nos salvamos todos ou ninguém se salva” (FT-32). Esse é o projeto novo. E para refazer este tecido social Francisco propõe um novo paradigma da fraternidade universal e da amizade social. Para direcionar a humanidade a este novo paradigma se faz necessário deslocar o centro de uma civilização técnico-industrialista e individualista para uma civilização solidária, da preservação e do cuidado de toda a forma de vida. Caminho de esperança que manifestou no encontro com os movimentos sociais: “não esperem nada de cima pois vem sempre mais do mesmo ou pior; comecem por vocês mesmos”. Por isso, sugere: “é possível começar de baixo, de cada um, lutar pelo mais concreto e local, até o último rincão da pátria e do mundo” (FT-78).²

“As sombras dum mundo fechado” (FT-Capítulo I) provocadas pelo sistema capitalista fizeram a humanidade perder a virtude da comunhão, da fraternidade universal e se centrar no indivíduo. No contexto da análise da parábola do samaritano, Francisco interpela *sobre com quem nos identificamos?*

Precisamos de reconhecer a tentação que nos cerca de se desinteressar dos outros, especialmente dos mais frágeis. Digamos que crescemos em muitos aspetos, mas somos analfabetos no acompanhar, cuidar e sustentar os mais frágeis e vulneráveis das nossas sociedades desenvolvidas.

² BOFF, Leonardo. *Fratelli Tutti*: a política como ternura e amabilidade. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/603497-fratelli-tutti-a-politica-como-ternura-e-amabilidade-artigo-de-leonardo-boff>. Acesso em: 25 out. 2020.



Habituamo-nos a olhar para o outro lado, passar à margem, ignorar as situações até elas nos caírem diretamente em cima (FT-64).

Este desinteresse se visualiza na prática de vida das pessoas como, por exemplo, quando uma pessoa é assaltada na rua e muitos fogem como se não tivessem visto nada. Ou perante um atropelamento, quando alguém com o seu carro foge; ou na presença de um pedinte, quando se volta o rosto para o outro lado, ou se atravessa a rua, como se isso não lhe dissesse respeito. “Pensam só em evitar problemas; não importa se um ser humano morre por sua culpa. Mas estes são sinais dum estilo de vida generalizado, que se manifesta de várias maneiras, porventura mais sutis” (FT-65). E sentencia dizendo: “são sintomas duma sociedade enferma, pois procura construir-se de costas para o sofrimento” (FT-65).

Distorções presenciadas e vividas no cotidiano que fazem com que alguns dos conceitos mais importantes para uma convivência saudável entre todos possa estabelecer-se e permanecer, tais como: igualdade, democracia, liberdade, justiça, e sejam substituídos pelo egoísmo e a falta de interesse pelo bem comum, *“a sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos torna irmãos”* (FT-12).

Contrariando este estilo de vida e o caminho suicida de uma humanidade que passa ao largo dos sofrimentos humanos e da criação, Francisco na sua encíclica recoloca a importância da comunidade como lugar de construção da amizade social, em vista da integralidade da vida lugar de solidariedade e de pertença. Nesta direção é que a amizade social, vencendo as relações líquidas e superficiais, avança para construir o paradigma de fraternidade universal.

1.1 Comunidade como amizade social

O tema da “amizade social”, ou do “amor social” ganha relevância e uma compreensão muito própria na Encíclica. “A partir do amor social é possível avançar para uma civilização do amor em que todos nós podemos nos sentir chamados”. Acrescenta: “O amor social é uma força capaz de suscitar novas vias para enfrentar os problemas do mundo de hoje e renovar profundamente, desde o interior, as estruturas, organizações sociais, ordenamentos jurídicos” (FT-183).

É interessante perceber a relação construída por Francisco entre amor e amizade social.



O amor que se estende para além das fronteiras está na base daquilo que chamamos amizade social em cada cidade ou em cada país. Se for genuína, esta amizade social dentro duma sociedade é condição para possibilitar uma verdadeira abertura universal. Não se trata daquele falso universalismo de quem precisa de viajar constantemente, porque não suporta nem ama o próprio povo. Quem olha para a sua gente com desprezo, estabelece na própria sociedade categorias de primeira e segunda classe, de pessoas com mais ou menos dignidade e direitos. Deste modo, nega que haja espaço para todos (FT-99).

A amizade social se torna condição para uma verdadeira abertura, que inclui e não exclui, que atua propondo o universalismo sem desprezar as pessoas mais pobres. Certamente o Papa tem consciência dos desastres do que significa primeira e segunda categorias, bem como quando o próprio conceito de amizade social ou mesmo do amor social estão desgastados e generalizados para eclipsar a dignidade universal.

Neste sentido pode-se construir pontes reflexivas entre a amizade social presente na Encíclica do Papa Francisco com o tema da amizade social desenvolvida pelo teólogo José Tolentino Mendonça, em sua obra intitulada *“Nenhum caminho será longo: para uma teologia da amizade”*.³ No início do livro, o autor justifica o porquê de falar de amizade e a coloca em contraponto com a palavra amor. “Parece que nossa época só sabe falar de amor”. Ao exalar esta palavra por todos os lados, no entanto, diminuiu claramente sua força expressiva. “Cada vez menos se sabe menos a que nos referimos quando falamos de amor”. Tudo é amor e no universo religioso, segundo Tolentino, infelizmente não é muito diferente. E propõe a dimensão da amizade como mais adequada para superar os excessos da utilização da palavra amor, sem seu significado primordial. “Estou convencido de que uma parte importante do problema é a ausência de uma reflexão sobre amizade”. “A amizade é uma experiência universal e representa, para cada pessoa, um percurso inapagável de humanização e de esperança”.⁴

Tolentino centra-se no conceito de amizade, porque o conceito de amor, categoria importantíssima na fé cristã, sofreu esvaziamento. Reconhece que a Bíblia retoma e propõe o termo amor de muitas formas.

³ Obra publicada em espanhol no ano de 2012, e traduzida pelas editoras Paulinas em 2013.

⁴ TOLENTINO MENDONÇA, José. *Nenhum caminho será longo: Para uma teologia da amizade*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 11-12.



Este teólogo tem consciência de que o amor continua (e continuará) a ser muito válido e inspirador, por não deixar de ser componente de nossa relação com Deus como mistério. No entanto, defende a necessidade de não fechar uma única via de expressão. A Bíblia insiste, pedagogicamente, na pluralidade de acessos e, neste sentido, propõe redescobrir o valor da amizade na experiência cristã.⁵ Diante do perigo que tornou o vocábulo indeterminado do amor, propõe como um contraponto a questão da amizade. “Amizade é uma forma mais objetiva, mais concretamente desenhada, talvez mais possível de ser vivida”. Na amizade se aceita de forma mais natural as diferenças, uma certa distância que não é considerada obstáculo à confiança, mas, ao contrário, é condição da revelação de si”. A grande diferença entre amor e amizade reside no fato do amor tender sempre para o ilimitado, suspeitando de contornos e fronteiras.⁶

Na experiência da fé, Tolentino defende a tese da importância da amizade na construção do caminho da fé. “Resistimos a perceber que a fé autêntica é sempre uma fé de migalhas, como ensina a história da mulher cananea” (Mt 15,21-28). A relação a se construir com Deus é sempre de liberdade e respeito deixando Deus ser Deus e sentindo que Ele nos deixa ser nós. Não se tem dúvida que Deus bate à nossa porta, mas não arromba e somente entra em nossa vida se abirmos esta porta. Como ao primeiro casal, Adão e Eva, Deus pergunta onde estamos (Gn 3,9). Estranha pergunta uma vez que Deus sabe tudo. No entanto, se pode extrair uma bonita interpretação espiritual: “somente nós podemos dizer onde estamos”.⁷ Outras cenas são mais provocantes ainda quando personagens bíblicos são apresentados como aqueles que se colocam como amigos de Deus, ao lado de Deus. No mistério de compreender a Deus deixam entrever que no caminho da amizade, existe a necessidade de ajudar a Deus. “Nós é que temos que ajudar-te (ó Deus), e, ajudando-te, ajudamo-nos a nós”.⁸

As narrativas bíblicas não somente deixam entrever a necessidade de ajudar a Deus, como também a possibilidade de perdê-Lo. O capítulo 15 da narrativa lucana, o chamado evangelho dos perdidos (a ovelha, a moeda e o filho), parte de uma acusação que faziam a Jesus, porque tinha relações de amizades com gente pecadora e impura. Ao

⁵ TOLENTINO MENDONÇA, 2013, p. 15.

⁶ TOLENTINO MENDONÇA, 2013, p. 16.

⁷ TOLENTINO MENDONÇA, 2013, p. 19.

⁸ TOLENTINO MENDONÇA, 2013, p. 36.



lhermos estas parábolas vemos que “Jesus não apenas revela um Deus que corria a abraçar o regresso dos perdidos, mas um Deus que podemos perder, se não o aceitarmos tal qual ele é, no seu desmensurado desejo de amizade”.⁹

Nas narrativas do Novo Testamento, a pessoa de Jesus desempenha um papel extenso e profundamente marcado pela relação de amizade. A relação com os discípulos era claramente uma experiência de amizade. “Já vos não chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho feito conhecer” (Jo 15,15). Em outras ocasiões, os adversários utilizam da dimensão da amizade de Jesus com certos grupos ou pessoas para acusá-lo e incriminá-lo: amigos de publicanos e pecadores (Lc 7,34). Segundo Tolentino, o único personagem do Novo Testamento designado como amigo de Jesus é Lázaro. O autor destaca quatro características desta amizade.

- 1) Contar com o amigo. Marta e Maria mandam avisar que o amigo de Jesus, Lázaro está doente. Apesar dos transtornos Jesus volta a esta região para assistir o amigo;
- 2) Chorar o seu amigo. Alegregar-se com os amigos e chorar as dores é o que perpassa com Jesus. Atitude de sensibilidade, compaixão, respeito à dignidade da pessoa. Imagem do choro como símbolo do que as palavras não podem dizer;
- 3) Testemunhar até o fim (e para lá do fim) a vida do amigo. A morte de Lázaro se torna oportunidade para a revelação divina de Jesus: “eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus que havia de vir ao mundo” (Jo 11,25), confessa Marta. Em cada amigo também é confiada a missão de repetir as palavras de Jesus, dando testemunho delas: “teu irmão há de ressuscitar” (Jo 11,23). Significa manter viva a comunhão com o patrimônio espiritual que a vida do amigo constitui e acreditando no triunfo da vida sobre a morte que Jesus prefigura;
- 4) Regressar ao amigo. Os encontros fazem parte da dinâmica das amizades. Superada a experiência-limite, Jesus volta a visitá-lo em outro momento para celebrarem o sabor da amizade e o seu perfume (Jo 12,1-3).¹⁰

⁹ TOLENTINO MENDONÇA, 2013, p. 98.

¹⁰ TOLENTINO MENDONÇA, 2013, p. 37-38.



Esta reflexão sobre a categoria amizade cunhada por Tolentino, está em coerência com a perspectiva apresentada por Francisco quando fala da amizade social. Se “a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida” (FT-215), o caminho cristão é priorizar a cultura do encontro, das amizades abertas que desmentem toda a “manipulação ideológica, desafiando-nos a ampliar o nosso círculo, a dar à nossa capacidade de amar uma dimensão universal capaz de ultrapassar todos os preconceitos, todas as barreiras históricas ou culturais, todos os interesses mesquinhos” (FT-83).

Seja através da amizade social, ou pelo caminho do amor, o importante é que desencadeia o fundamental: comunidade com espírito de fraternidade universal. O contexto social testemunha uma convivência difícil entre as pessoas, gerando uma realidade marcada por guerras, divisões, aporofobias, violências de toda a ordem e falta de fraternidade.

Fraternidade é, na verdade, uma palavra que ficou registrada no papel desde a Revolução Francesa, quando o mundo exigia liberdade, igualdade e fraternidade. Hoje se percebe que esta última ficou nos porões da humanidade e sua consequência é o crescimento de uma sociedade de *Cains* que continuam a matar os *Abeis* da história. Por isso, o apelo certo de Francisco quando afirma: “o amor exige uma progressiva abertura, maior capacidade de acolher os outros, numa aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo a um sentido pleno de mútua pertença. Disse-nos Jesus: ‘Vós sois todos irmãos’ (Mt 23,8) (FT-95).

Ora, se a missão da Igreja é evangelizar, porque é isso que implica anunciar o reinado de Deus – honrar o Reino de Deus – isso precisa ser perceptível dentro dos processos históricos da ação evangelizadora. Um Reino que não abarca a história e seus problemas, infelizmente desvia a missão da Igreja enquanto “sacramental e sinal de salvação” histórica. “A Igreja é enviada por Jesus Cristo como sacramento da salvação oferecida por Deus” (EG-112).

2 Na comunidade a pessoa como “dom de si mesmo”

Ao explicitarmos anteriormente a comunidade como amizade social faz-se necessário na dialética em curso, mirar para a questão da pessoa. *Comunidade e Pessoa* se dialetizam enquanto momentos necessários e indissolúveis, pois uma dimensão é intrínseca à outra e vice-versa.



Mariano Moreno Villa no Verbetes *Comunidade* do *Dicionário do Pensamento Contemporâneo* diz que “frequentemente se diz que o ser humano está destinado a ser, dando expressão cabal de suas potencialidades, uma pessoa comunitária. Mas isto não parece um pleonasma? Em outros termos, é possível que um homem seja pessoa se não for, em sua própria constituição existencial um ser comunitário?”¹¹ Ora, dizer comunidade já não seria uma redundância ao dizer pessoa, enquanto pessoa comunitária, equivalente, portanto, a dizer “subir para cima” ou “descer para baixo”?

Tal questão permeia de forma diacrônica e sincrônica a história do pensamento tanto grego quanto bíblico. Tanto a tradição grega quanto a tradição semita explicitam leituras da dialética *Comunidade e Pessoa*. Em Aristóteles, em perspectiva grega, o “homem é um animal político”. Segundo Villa, se referindo a Aristóteles, “o homem necessita dos outros homens para poder viver, pois não basta a si mesmo, de forma que para conseguir sua perfeição, deve romper com o isolamento e a solidão”.¹² Em Lucas, agora em perspectiva semita, Villa faz referência a Atos 2,44-45: “Todos os que tinham abraçado a fé reuniam e punham tudo em comum (*apanta koina*); vendiam suas propriedades e bens, e os dividiam entre todos, segundo as necessidades de cada um”.¹³

Nesta intersecção da tradição grega e da tradição semita, o Papa Francisco coloca em evidência a questão da *Política* enquanto a *Melhor Política*. Todo o Capítulo V da *Fratelli Tutti* é dedicado ao tema da *Melhor Política* enquanto um ir além dos Populismos e dos Liberalismos, trazendo para a perspectiva da *Melhor Política* a dimensão do *Amor Político*. Diz o Papa Francisco: “todos os compromissos decorrentes da Doutrina Social da Igreja derivam da caridade que é – como ensinou Jesus – a síntese de toda a Lei (Mt 22,36-40)” (FT-181).

Como o objetivo deste artigo é refletir o tema da comunidade, tendo por base a *Encíclica Fratelli Tutti* do Papa Francisco, conforme anunciamos logo no início, vale antes de prosseguirmos na dialética necessária entre *Comunidade e Pessoa*, considerarmos algumas notas em relação à questão mesma do gênero Encíclica, principalmente, do gênero Encíclica no Magistério do Papa Francisco. Isso porque encontramos

¹¹ VILLA, Mariano Moreno (dir.). *Dicionário de Pensamento Contemporâneo*. São Paulo: Editora Paulus, 2000. p. 121.

¹² VILLA, 2000, p. 122.

¹³ VILLA, 2000, p. 122.



algumas novidades não presentes nos Magistérios anteriores, bem como sobre o método e a epistemologia constitutiva dos textos do Magistério do Papa Francisco.

Ao longo da história do cristianismo – agora no mundo Ocidental – as *figuras* e *imagens* dos Papas foram as mais diversas. John W. O'Malley em *História Católica para a Igreja de hoje: como o nosso passado ilumina o nosso presente*, apresenta-nos as *figuras* e *imagens* dos Papas como tendo responsabilidades cívicas, como Gregório Magno; como governadores dos estados papais, como Gregório VII; como validadores de imperadores, como Leão III; como soldados, como Júlio II; como governadores, como Sisto V; e, como aqueles Papas que ensinam. “No século XIX, os papas acrescentam o ensino ao elenco de suas funções. Tornaram-se professores”.¹⁴ Assim, toda uma geração de Papas desde Leão XIII até Francisco serão *Papas professores*, ensinarão em seus Magistérios por meio das Encíclicas, gênero já existente na antiguidade, mas que, a partir do século XIX, como diz O'Malley, emergiu como um novo gênero.

Mas com o Papa Francisco, ganha outros contornos e, não poderia ser diferente, porque o Magistério do Papa Francisco tem uma singularidade, cuja eclesiologia é aberta ao mundo. Portanto, a Encíclica é um gênero aberto também, porque dialoga com o mundo e subsume nela as coisas do mundo. A “agenda inacabada do Vaticano II”, principalmente, desde a *Gaudium et Spes*, Constituição Pastoral que articula a *Igreja no Mundo* de hoje apresenta três características essenciais que dizemos juntamente com Juan Carlos Scannone:

Examinarei três pontos decisivos: (1) a mudança de paradigma teológico geral que ocorreu durante o concílio e que é particularmente visível nessa constituição pastoral; (2) a mudança de método que isso acarreta e a importância que teve e continua a ter para levar a cabo a agenda inacabada do concílio; (3) enfim, um de seus conteúdos evangelicamente fundamentais, que surgiu dessas mudanças e paradigma e de método: a opção pelo pobres, que o concílio não chega a explicitar nem a aprofundar, mas que é decisiva para nossa época atual “de globalização e de exclusão” e que o Papa Francisco traduziu dizendo: “Quero uma Igreja pobre para os pobres” (EG-198).¹⁵

¹⁴ O'MALLEY, SJ, John W. *História Católica para a Igreja de Hoje: Como o nosso passado ilumina o nosso presente*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2021. p. 35.

¹⁵ SCANNONE, Juan Carlos. *A Teologia do Povo: Raízes teológicas do Papa Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2019. p. 185-186.



A “agenda inacabada do Vaticano II” desde a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (A Alegria do Evangelho) até sua última Exortação Apostólica *Laudate Deum* (Sobre a Crise Climática), continuação de sua Carta Encíclica *Laudato Si'* (Sobre o Cuidado da Casa Comum), vai sendo *explicitada* e *exibida* sob forma de textos abertos em sintonia com sua visão aberta de Igreja ao Mundo e no Mundo. Pode-se dizer que o conteúdo de toda arquitetura do pensamento do Papa Francisco é um pensamento que abraça de *forma e maneira misericordiosas* todas as coisas, todas as pessoas, todas as culturas. Na *Laudato Si'* isso ganha forma e expressão quando Papa Francisco diz que:

O conjunto do universo, com as suas múltiplas relações, mostra melhor a riqueza inesgotável de Deus. Santo Tomás de Aquino sublinhava, sabiamente, que a multiplicidade e a variedade ‘provêm da intenção do primeiro agente’, o qual quis que ‘o que falta a cada coisa, para representar a bondade divina, seja suprido pelas outras’, pois a sua bondade ‘não pode ser convenientemente representada por uma só criatura. Por isso, precisamos individuar a variedade das coisas nas suas múltiplas relações (LS-86).

Massimo Borghesi em *Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual*, explicita as fontes do pensamento do Papa Francisco. Não tem lugar aqui a construção dessa biografia intelectual, mas vale reter o movimento do pensamento do Papa Francisco enquanto uma *oposição polar e o bem comum* cuja dialética, não hegeliana, é inspirada no pensamento do filósofo e teólogo ítalo-germânico Romano Guardini, de modo particular, em sua obra *L'opposizione polare e La fine dell'epoca moderna*.

Assim, em Massimo Borghesi pode-se ler o seguinte:

*[...] Ao contrário, ‘recuperar a validade do político é recuperar o horizonte de síntese e de unidade de uma comunidade, um horizonte de harmonização dos interesses, de organização da racionalidade política para dirimir os conflitos’. Para esse fim, a política deve ‘hierarquizar a partir da unidade a tensão entre identidade coletiva e dignidade da pessoa’. Desse modo, ela reencontra a ‘concepção clássica e cristã, como aquilo que – segundo as palavras de Aristóteles – ‘faz o homem melhor’. Em termos de bonum, a tensão é entre bem comum e bem particular, o que configura a tensão política enquanto tal.*¹⁶

¹⁶ BORGHESI, Massimo. *Jorge Mario Bergoglio: Uma biografia intelectual*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2018. p. 129.



Desta maneira, a dialética erigida e subsumida pela *oposição polar e o bem comum* comporta a tensão indissolúvel entre *Comunidade e Pessoa*, entre a *identidade coletiva* e a *dignidade da pessoa* como diz o Papa Francisco citado por Massimo Borghesi.

A arquitetônica do pensamento do Papa Francisco em sua forma e conteúdo e na perspectiva de uma lógica dialética – não hegeliana – *de oposição polar e o bem comum* instauram um *giro epistemológico* na Doutrina Social da Igreja Católica que tem origem no século XIX com o Magistério do Papa Leão XIII. Desta maneira, nos escritos do Papa Francisco, são recolhidos além das tradições da Patrística grega e latina e da Escolástica medieval, também o pensamento moderno e contemporâneo em âmbito europeu e latino-americano-caribenho, além das obras da literatura universal. Sem esquecer os documentos das Conferências Episcopais dos vários Continentes, revelando dessa maneira a abertura e a obra aberta que é o pensamento majoritário do Magistério do Papa Francisco. Assim, podemos dizer, que não é fácil ler a sua grande produção que se diferencia da dos Magistérios anteriores desde João XXIII até Bento XVI. Evangelho, Teologia, Filosofia, Literatura, Ciência, Arte e Mística informam com beleza e poesia a lógica e a epistemológica da totalidade do pensamento e do Magistério do Papa Francisco. Algo de extrema singularidade da e na história do papado, principalmente, do papado em sua função e papel docentes.

2.1 O conceito de pessoa na Fratelli Tutti

Este mínimo apresentado até agora é necessário, caso contrário não se compreende a dialética *Comunidade-Pessoa* desde a lógica da *oposição polar e o bem comum*, bem como o inédito do Magistério do Papa Francisco. Pode-se também olhar com maior entendimento e compreensão para o conceito de Pessoa presente na Carta Encíclica *Fratelli Tutti* (Sobre a Fraternidade e a Amizade Social) do Papa Francisco.

Dentre as várias fontes presentes na *Fratelli Tutti*, queremos recolher três que apontam o caminho para a reflexão do tema da *Pessoa*. Gabriel Marcel, Paul Ricoeur e René Voillaume que sugerem um percurso tanto filosófico, quanto teológico para a subsunção do tema da *Pessoa*.

Inegavelmente, o tema da *Comunidade* e da *Pessoa* atravessa os mais de 25 séculos de pensamento filosófico e teológico ocidental, isto se fizermos uma mirada desde os textos míticos poéticos, tanto da



tradição grega quanto da tradição semita. Como diz George Steiner: “Eu venho depois de Atenas e depois de Jerusalém. Nós todos vivemos dessa dupla herança”.¹⁷

Assim, nos respectivos horizontes históricos, desde a antiguidade clássica, a medievalidade, a modernidade e a contemporaneidade, o tema da *Comunidade* em sua estreita conexão com o da *Pessoa* pode ser encontrado na diacronia e na sincronia do percurso e do movimento históricos. M. Moreno Villa demonstra isso no desenvolvimento do Verbetes *Comunidade*. Também nos movimentos filosóficos das escolas de pensamento dos existencialismos, dos personalismos e das fenomenologias. Também nos marxismos e nas psicanálises. Pierre-Joseph Proudhon, Edith Stein, Max Scheler, Emmanuel Mounier, Jacques Maritain, Bernhard Häring, Marciano Vidal, Igino Giordani, Vera Araujo, Alceu Amoroso Lima, Alberto Methol Ferré, Juan Carlos Scanonne, Enrique Dussel, Ignacio Ellacuría, Jon Sobrino para nomear alguns na contemporaneidade, dentre tantos outros e outras, que escancaram a temática da relação dialética entre *Comunidade* e *Pessoa*.

“O ser humano se faz de tal maneira que não se realiza, não se desenvolve, nem pode encontrar a sua plenitude ‘a não ser por um sincero dom de si mesmo’ (GS-24) aos outros. Ele não chega a reconhecer completamente a própria verdade, senão no encontro com os outros: ‘Só me comunico realmente comigo mesmo à medida que me comunico com o outro’” (GS – 87). Assim, inicia-se o capítulo III – Pensar e Gerar um Mundo Aberto – da *Fratelli Tutti* fazendo referência a Gabriel Marcel (1889–1973) a partir de sua obra *Du refus à l’invocation* (Paris, 1940). Da recusa à invocação do outro, pois como diz a *Fratelli Tutti*, “isso explica por que ninguém pode experimentar o valor de viver sem rostos concretos a quem amar” (FT-87). O tema da pessoa enquanto *outridade* é central no pensamento do filósofo francês que estabeleceu como ninguém a relação entre *Problema* e *Mistério*. O Problema se nos apresenta e o Mistério é o oceano onde estamos imersos. Nesta imersão no Problema e no Mistério colocamo-nos diante da disponibilidade ou indisponibilidade do outro. Daí a necessária comunicação com o outro: *só me comunico realmente comigo mesmo à medida que me comunico com o outro*.

De Paul Ricoeur (1913-2005), filósofo francês, de tradição protestante se movendo na Escola da Fenomenologia fundada por Edmund

¹⁷ JAHANBEGLOO, Ramin. *George Steiner à luz de si mesmo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003. p. 107.



Husserl, Papa Francisco evoca a obra *Histoire et Vérité* (Paris, 1967), em cujo capítulo *Le Socius et le prochain*, assim faz-se presente quando se discute a Melhor Política no Capítulo V:

Porque, de fato, não há vida privada, se não for protegida por uma ordem pública; um lar acolhedor doméstico não tem intimidade se não estiver sob a tutela da legalidade, de um estado de tranquilidade fundado na lei e na força e com a condição de um mínimo de bem-estar garantido pela divisão do trabalho, pelas trocas comerciais, pela justiça social e pela cidadania política (FT-164).

O Papa Francisco, ao evocar Paul Ricoeur, reflete sobre a relação das duas dimensões *mítica* e *institucional* onde tudo é subsumido e incorporado na história tais como: “instituições, direito, técnica, experiência, contribuições profissionais, análise científica, procedimentos administrativos...” (FT-164). A experiência social enquanto experiência comunitária supõe a proximidade, a vizinhança, a intimidade da relação pessoa-pessoa, portanto.

René Voillaume (1905–2003), sacerdote francês, foi profundamente inspirado por Charles de Foucauld. O Papa Francisco evoca o Beato Charles de Foucauld no final da *Fratelli Tutti* quando, no Capítulo VIII – As Religiões a Serviço da Fraternidade no Mundo – fala sobre a fraternidade universal. Juntamente com Charles de Foucauld, Papa Francisco evoca Martin Luther King, Desmond Tutu, Mahatma Gandhi e muitos outros (FT-286). Poderíamos perguntar, por que o Papa Francisco concluiu a *Fratelli Tutti* com o gesto da evocação e da memória do Beato Charles de Foucauld? Também, por que no Capítulo V, René Voillaume entra na sua reflexão sobre A Melhor Política?

Papa Francisco no número 193 do Capítulo V – A Melhor Política – diz: Mais fecundidade que resultados! Esta fala é para os políticos, cujo universo é sempre marcado por inúmeras atividades, mas não deixa por isso, de ser chamado a viver o amor em suas relações interpessoais. Assim, em um mundo que vai sendo cada vez mais racionalizado e habitado pela perfeição técnica, o amor nas relações interpessoais ainda se nos impõe. Assim, Papa Francisco tipifica uma imagem de político que:

É uma pessoa e precisa se dar conta de que o mundo moderno, devido à sua perfeição técnica, tende a racionalizar cada vez mais a satisfação dos desejos humanos, classificados e distribuídos entre vários serviços. Cada vez menos um homem é chamado pelo próprio nome, cada vez



menos será tratado como pessoa esse ser único no mundo, *que tem seu próprio coração, sofrimentos, problemas e alegrias e a própria família. Só serão conhecidas suas doenças, para que sejam tratadas, sua falta de dinheiro, para que seja fornecido, sua necessidade de casa, para que seja alojado, seu desejo de lazer e de distrações, para que sejam satisfeitos. Contudo, “amar o mais insignificante dos seres humanos como a um irmão, como se apenas ele existisse no mundo, não é perder tempo* (FT-193 – grifo nosso).

A citação acima do Papa Francisco foi extraída da obra de René Voillaume, discípulo de Charles de Foucauld, cuja obra é *Frère de tous* (Paris, 1968). Voillaume diz: *amar o mais insignificante dos seres humanos como a um irmão, como se apenas ele existisse no mundo, não é perder tempo*. Somos convocados e vocacionados por causa do pobre mais pobre – insignificante na lógica do sistema-mundo cuja política, ora populista ora liberal. silencia o mais pobre – a realizar a *atividade do amor político*, a construirmos juntos a *fraternidade universal*. Daí a razão deste artigo refletir o tema da comunidade sem desconsiderar o tema da pessoa, tendo por base a Encíclica *Fratelli Tutti* do Papa Francisco.

Marcel, Ricoeur e Voillaume alargam a questão da *Pessoa*. Os três ampliam no *valor de si*, na *proximidade* e na *insignificância*, a *Pessoa* enquanto valor e o pobre que não ganhou centralidade na *Gaudium et Spes*, ganha agora, seu primado no humanismo, no personalismo, no existencialismo, e na fenomenologia do Papa Francisco. Expressão máxima e maior de sua Teologia do Povo, formulada nas periferias de Buenos Aires, a Filosofia da Libertação e a Teologia da Libertação originadas desde as Conferências do Episcopado Latino Americano Caribenho, materializa-se na *opção preferencial pelos pobres*, e ganha assento no pensamento de Francisco. “Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus ‘manifesta a sua misericórdia ante de mais’ a eles” (EG-198).

3 A missão da Igreja: sair para as margens do caminho

O Papa Francisco ao propor o caminho da fraternidade e da amizade social, deixa entender que evangelizar sempre comporta uma intervenção libertadora na realidade, principalmente em uma história marcada pelas “*sombras de um mundo fechado*”. Ao retomar suas grandes preocupações com os rumos da humanidade, tem enfatizado sempre



mais o cuidado e a proteção da vida das minorias que são as maiorias no contexto atual.

É no bojo deste caminho que a perspectiva aberta, a partir da “amizade social”, recolhe o melhor da Tradição cristã, isto é, a opção pelos pobres e excluídos, e abre da mesma forma, um caminho para construir uma nova sociedade. Amizade social, compreendida como dimensão que atravessa todas as *sombras* sociais e existenciais da humanidade. Para caminhar nesta direção é necessário “dar-se conta de quanto vale um ser humano, de quanto vale uma pessoa, sempre e em qualquer circunstância” (FT-106). A dignidade humana, desta forma, torna-se um princípio elementar da vida social que habitualmente e de várias maneiras tem sido ignorada por uma visão de mundo que considera quem tem mais direitos e menos direitos de viver e mesmo de existir.

Trazendo mais uma vez à tona a “cultura do encontro” e de “uma Igreja em saída”, Francisco exorta cada um de nós a “sair de si mesmo” para encontrar nos outros “um acrescentamento de ser”, abrindo-nos ao próximo, segundo o dinamismo da caridade que nos faz tender para a “comunhão universal”. Porque, na realidade, “enquanto nosso sistema econômico-social ainda produzir uma só vítima que seja e enquanto houver uma pessoa descartada, não poderá haver a festa da fraternidade universal” (FT-110).

Reconhecer a amizade social é, portanto, assumir a responsabilidade pela vida humana, incorporar a opção pelos pobres feitos de *carne e osso* para evitar o perigo sempre latente de desviar-se da pessoa, mesmo com justificativas religiosas como ocorreu com o Sacerdote e o Levita na parábola do Samaritano. Experiência que suscitou o sonho de uma sociedade fraterna, pois só a pessoa que aceita aproximar-se das outras “não para retê-las no que é seu, mas para ajudá-las a serem mais elas mesmas” se torna samaritano (FT-4). Sem pretender “resumir a doutrina sobre o amor fraterno”, a *Fratelli Tutti* expressa o desejo de elevar a “dimensão universal, na sua abertura a todos”. “Perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras” (FT-6).

Ao citar a amizade social, Papa Francisco está preocupado com o mundo dos pobres, figura central na vida de Jesus, e que estão nas margens da sociedade e mesmo da Igreja. E, mais propriamente, a suspeita que, mesmo diante dos discursos e reflexões oportunas e necessárias das



teologias, nos descuidemos do mais importante: amizade social com os pobres e fracos. Neste caso, permanece o alerta do grande teólogo Karl Ranner, que diz que no afã de afiar conceitos e argumentos passa-se a vida afiando a faca sem nada cortar. Observação que se encontra em sintonia com a preocupação fundamental de Gustavo Gutiérrez que desde o início de sua obra deixou claro a necessidade de colocar a reflexão teológica em vista da libertação dos pobres e insignificantes. O mais importante não é o trabalho da Teologia em si mesma, ou sua sobrevivência, mas especialmente a superação dos sofrimentos do povo, pela comunicação da experiência e da mensagem de salvação de Jesus Cristo.¹⁸

Se a Igreja perder os pobres, perde o que é central na evangelização e o anúncio do Reino de Deus, se torna sal insosso. Uma Igreja que não se preocupa com aqueles que é sua razão de existir, consequentemente, trai sua missão se constituindo em um contratestemunho, porque no coração do cristianismo os pobres ocupam o primeiro lugar (Mt 5,1-12). Trata-se, portanto, de uma opção não optativa, mas constitutiva da fé e condição para a salvação cristã. “Hoje e sempre, os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres” (EG-48).

Como nos afirma o Papa Francisco, a Igreja é uma casa com portas abertas, porque é mãe. E como Maria, a Mãe de Jesus, “queremos ser uma igreja que serve, que sai de casa, que sai dos seus templos, que sai de suas sacristias, para acompanhar a vida, sustentar a esperança, ser sinal de unidade [...] para construir pontes, abater muros, semear reconciliação” (FT-276).

À medida que assumimos este caminho e deixamos o samaritano entrar em nossa proposta cristã, vamos visualizando uma pedagogia presente na relação *Jesus e o samaritano à margem da história*. É isto o que nos leva ao paradigma do outro, do forasteiro sem nome e do samaritano à margem do sistema religioso. Parece-me que aqui pode ser possível construir uma relação com um conceito da Filosofia da Libertação de Enrique Dussel que vêm da exterioridade do sistema e não da totalidade (o sistema religioso passa ao largo do forasteiro caído na estrada). Na passagem, Jesus é o “samaritano”, pois ele fala desde fora do sistema religioso que o impede de acolher as dores das pessoas.

¹⁸ MÜLLER, Gerhard Ludwig; GUTIÉRREZ, Gustavo. *Ao lado dos pobres: teologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 160.



A proposta de Jesus, a partir da narrativa lucana, é também a memória das grandes inversões abraâmicas de Jesus, segundo Susin.

A verdade de Deus aparece na segunda ordem, aparentemente menos religiosa. Assim, entre o fariseu e o publicano, entre a mulher com fama de pecadora e o fariseu com fama de justo, entre o rico abençoado e o pobre Lázaro e suas feridas, entre o filho que ficou em casa e o filho que saiu de casa, entre os sábios e os ignorantes, os poderosos e os humildes, em todas essas inversões, é na segunda parte que começa uma religião de reconciliação sem barreiras e aberta universalmente a todos. Portanto, onde cessa a violência da religião e da ordem sacralizada e onde começa a religião graciosa e imerecida da fraternidade universal, simbolizada na mesa pascal da Eucaristia.¹⁹

O que fica explicitado é a fraternidade anterior e o que toda a religião precisa levar para a comunhão, porque sabemos que a eucaristia de Jesus é libertadora e inclusiva. Na mesa de Jesus não tem acepção de pessoas porque é a confraternização com os últimos, impuros, pecadores, etc., lugar em que se dá a comunhão com o Pai de Jesus e o seu Espírito – em Jesus.

3.1 As pastorais sociais na vida da Igreja

Percebe-se que existe no ambiente eclesial certo déficit no que tange à dimensão social da evangelização. As pastorais sociais na vida da Igreja e no coração dos cristãos nem sempre são acolhidas como dimensão constitutiva da fé cristã. Para nos colocar dentro deste vazio que perpassa a vida cristã e, inclusive, o coração dos presbíteros, bastam as palavras reveladoras testemunhadas por um bispo no seminário internacional de teologia PUC-RS de 2019. Ao falar da importância da pastoral social em sua Diocese, ouviu de um de seus sacerdotes a seguinte colocação. “*Eu não tenho vocação para as pastorais sociais*”. Em resposta, afirmou o Bispo: “*então, você não tem vocação para o sacerdócio de Cristo*”. Qual foi a missão de Jesus, perguntou o Bispo. E respondendo, acrescentou: nos Evangelhos, Jesus enumera uma lista na qual descreve aqueles que se encontram mais perto do carinho do Pai. Exemplos: o texto do juízo final, em Mt 25,31s; as bem-aventuranças, em Mt 5,1-12; o programa de Jesus, em Lc 4,16-20 o episódio do Bom Samaritano, em Lc 10,25-35.

¹⁹ SUSIN, Luiz Carlos. Da religião do sacrifício à religião da fraternidade. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 378-389, set./dez. 2010. p. 388.



Portanto, o batismo cristão e, conseqüentemente, o óleo da unção recebido na ordenação presbiteral imprimem caráter indelével no compromisso com os pobres e fracassados. Evangelizar não é somente fazer um discurso, mas apresentar uma pessoa, Jesus Cristo, que é o Filho de Deus, vivo e ressuscitado. Jesus é o Deus conosco (Mt 1,23) que nos convida a seguir seus passos na defesa e cuidado da vida. Se “evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG-176), nada fica fora das preocupações cristãs. É preciso estar atento, lembra Papa Francisco, para com o cuidado da dimensão social da evangelização, “precisamente porque, se esta dimensão não for devidamente explicitada, corre-se sempre o risco de desfigurar o sentido autêntico e integral da missão evangelizadora” (EG-176).

Este anúncio do Reino de Deus solicita a participação dos cristãos, porque a “proposta do Evangelho não consiste só numa relação pessoal com Deus”, mas inclui uma relação concomitante com os irmãos, especialmente os pobres e oprimidos. Os cristãos estão conscientes que a luta é a proposta do *Reino de Deus* (Lc 4,43); trata-se de amar a Deus, que reina no mundo. O sinal do seu Reinado na história é quando a “vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos. Por isso, tanto o anúncio como a experiência cristã tendem a provocar conseqüências sociais” (EG-180).

Como esclareceu Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*, encontramos um desenvolvimento da ligação entre *evangelização e libertação*, pois entre elas há laços de ordem antropológica, de ordem teológica e de ordem evangélica (EN-31). Impulso determinante para que as Conferências Episcopais Latino-Americanas e Caribenhas, assumissem a *opção pelos pobres*, como dimensão inerente à fé cristã. Em Aparecida, sobressai teologicamente a marca absoluta da opção pelos pobres. Bento XVI eleva explicitamente a opção pelos pobres como fé cristológica. “A opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza (cf. 2Cor 8,9)” (DAp-3).

Os próprios Bispos, em Aparecida, deixaram testemunhado que nesta opção pelos pobres, manifestam todo o processo evangelizador que envolve a promoção humana e a autêntica libertação sem a qual não é possível uma ordem justa na sociedade (DAp-399). Para a Igreja, o serviço da caridade, assim como o anúncio da Palavra e a celebração dos sacramentos, é expressão irrenunciável da sua própria essência (DAp-



399). No Catecismo da Igreja Católica encontramos uma máxima, que contraria os que desejam em nome do culto, ou da liturgia desviar-se dos problemas sociais.

No Novo Testamento, a palavra 'liturgia' é empregada para designar, não somente a celebração do culto divino mas também o anúncio do Evangelho e a caridade em ato. Em todas estas situações, trata-se do serviço de Deus e dos homens. Na celebração litúrgica, a Igreja é serva, à imagem do seu Senhor; o único Liturgo, participando no seu sacerdócio (culto) profético (anúncio) e real (serviço da caridade) (CIgC-1070).

Esta foi a prática da Igreja em todos os tempos. Na encíclica *Deus Caritas Est* assim se expressou Bento XVI:

Com o passar dos anos e a progressiva difusão da Igreja, a prática da caridade confirmou-se como um dos seus âmbitos essenciais, juntamente com a administração dos Sacramentos e o anúncio da Palavra: praticar o amor para com as viúvas e os órfãos, os presos, os doentes e necessitados de qualquer gênero pertence tanto à sua essência como o serviço dos sacramentos e o anúncio do Evangelho. A Igreja não pode descuidar o serviço da caridade, como também não pode negligenciar os Sacramentos nem a Palavra (n. 22).

Em certo sentido, é a tomada de consciência definitiva sobre o fato de que a vida humana interessou a Jesus e que por isso precisa ser essencial no coração dos seus seguidores/as hoje. Se, por um lado, a integralidade da vida é redondamente importante e comporta o coração do Evangelho, por outro lado, a vida humana tem primazia na fé cristã. Razão que evidencia que entre os sinais por excelência do reinado de Deus está o resgate da dignidade da pessoa humana.

Na Encíclica *Fratelli Tutti*, do Papa Francisco, entre os elementos fundantes encontramos sua preocupação com a pessoa humana. “Dignidade intrínseca de toda e qualquer pessoa”. Lembra o pontífice, no entanto, que “nunca se dirá que não sejam humanos, mas na prática, com as decisões e a maneira de os tratar, manifesta-se que são considerados menos valiosos, menos importantes, menos humanos”. Esta é uma atitude inaceitável que os cristãos não podem partilhar, porque destoa com “as convicções da sua própria fé: a dignidade inalienável de toda a pessoa humana, independentemente da sua origem, cor ou religião, e (é) a lei suprema do amor fraterno” (FT-39).



O Papa escreve esta Encíclica em um contexto de pandemia global, momento que nos recorda não somente que pertencemos um ao outro, senão que estamos unidos entre todos e com a vida toda. Recorda-nos que São Francisco escutou a voz de Deus quando abriu os olhos à voz dos pobres, dos enfermos e da natureza. O Papa faz um chamado em nome da justiça e da misericórdia para com todos os que estão nas margens e nas periferias da sociedade; a todas as pessoas de boa vontade para que creiam em um ‘mundo aberto’, que o Papa chama de ‘amizade social’. Quer dizer: priorize a hospitalidade, e a fraternidade, ao denunciar de maneira clara e decidida as injustiças sociais, defendendo e apoiando as lutas por direitos das maiorias pobres e marginalizadas da sociedade, como fez Jesus de Nazaré. Trata-se de um caminho que questiona o estilo de vida, os hábitos de consumo, não somente para mudar de atitudes, senão para ser capaz de tocar as feridas abertas e cuidar da vida (FT-48).

O centro da fé cristã está ancorado na dignidade humana que não permite isolamento com o conjunto dos problemas e realidades históricas. Como observa o teólogo Leonardo Boff, a fé não é um *ato* ao lado de outros, mas é uma *atitude* que engloba todos os atos, toda a pessoa, o sentimento, a inteligência, a vontade e as opções de vida. É uma experiência originária de encontro com o mistério que chamamos Deus vivo e com o Jesus ressuscitado. Esta experiência muda a vida e a forma de ver todas as coisas. Para Boff, “esse amor social constitui a mensagem central da nova Encíclica do Papa Francisco *Fratelli Tutti*. A fé não é só boa para a eternidade, mas também para este mundo”.²⁰

Neste sentido, tem razão o Papa Francisco quando retoma como paradigma de fraternidade universal a figura do Samaritano. Este não deixa dúvida sobre a centralidade do amor ao próximo, e não qualquer próximo, mas a pessoa caída e ensanguentada do caminho. Em contrapartida, deixa uma cratera aberta de questionamentos perante a postura do Sacerdote e do Levita, porque em nome da lei e da religião se desviam *religiosamente* da face do outro machucado.

Com esta parábola paradigmática, Jesus coloca a pessoa no centro. Priorizam-se tantas questões em nossas sociedades, mas talvez em muitos casos perca-se a perspectiva humana como o centro de nossas decisões. Como aponta a Encíclica *Fratelli Tutti*, “o ser humano está feito de tal maneira que não se realiza, não se desenvolve, nem pode encontrar a sua

²⁰ BOFF, Leonardo. *A dimensão política da fé hoje*. Disponível em: <https://amerindiaenlared.org/contenido/18189/a-dimensao-politica-da-fehoje/>. Acesso em: 15 out. 2020.



plenitude ‘a não ser no sincero dom de si mesmo’ aos outros. E não chega a reconhecer completamente a sua própria verdade, senão no encontro com os outros” (FT-87). O esvaziamento dessa perspectiva em contrapartida faz crescer o individualismo, que invade nossa compreensão do direito, da propriedade e da política (FT-111). Por isso, a necessidade do resgate da ternura nas relações interpessoais (FT-194) e da caridade para a concepção política e social (FT-176).

A Encíclica termina atualizando a figura de um *samaritano*, na referência ao Beato Charles de Foucauld, que realizou sua entrega a Deus, identificando-se com os últimos. Seu desejo era sentir qualquer ser humano como um irmão e pedia a um amigo seu que rogava para que ele fosse irmão de todos. Queria ser irmão universal e somente identificando-se com os últimos chegou a ser irmão de todos (FT-287).

Entrar nesta senda compromete a vida cristã para atuar em vista da fraternidade e da amizade social de acordo com o Evangelho de Jesus. Entrar por esta porta pode parecer exigente demais e são poucos os que estão dispostos a isso. Exemplo desta dificuldade são narrados pelos evangelhos, como ocorreu com o jovem do Evangelho (Mt. 19,16-30). Significa que construir um mundo desde os últimos não é a lógica imperante e, tanto ontem como hoje, é tarefa exigente. Não é o ideal e nem da vontade da grande maioria, incluindo os cristãos que se dizem crer em Deus e na fraternidade universal, sem fazer acepção de pessoas.

Apesar das sombras densas que não podem ser ignoradas, o Papa Francisco convida à esperança. “Com efeito, Deus continua a espalhar sementes de bem na humanidade” (FT-54). Chama atenção para os sinais de esperança surgidos no contexto da pandemia. Recuperar e valorizar tantos companheiros e companheiras de viagem que, enfrentando o medo, reagiram dando a própria vida. A vida tecida é sustentada por pessoas comuns que, sem dúvida, escreveram os acontecimentos decisivos da nossa história compartilhada:

médicos, enfermeiros e enfermeiras, farmacêuticos, empregados dos supermercados, pessoal de limpeza, cuidadores, transportadores, homens e mulheres que trabalham para fornecer serviços essenciais e de segurança, voluntários, sacerdotes, religiosas... compreenderam que ninguém se salva sozinho (FT-54).

O Papa Francisco termina o capítulo primeiro da *Fratelli Tutti*, dedicado ao diagnóstico da realidade falando da importância da esperança.



A esperança como raiz profunda do ser humano, independentemente das circunstâncias concretas e dos condicionamentos históricos em que vive.

A esperança é ousada, sabe olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna. Caminhemos na esperança! (FT-55).

Conclusão

A reflexão priorizou a *Comunidade* e a *Pessoa* e seus desdobramentos, à luz da proposta da Encíclica *Fratelli Tutti* sobre a fraternidade e a amizade social. Formar comunidades com as marcas do cristianismo é a pedra de toque da missão evangelizadora. No entanto, o que se entende por comunidade, evangelização, Reino de Deus e amizade social pode variar muito e, inclusive, contradizer o verdadeiro sentido evangélico a partir da experiência cristã.

A título de exemplo. Um seminarista foi para a pastoral e encontrou as pessoas trabalhando num mutirão para construir uma casa. O seminarista retornou da pastoral alegando que nada tinha para fazer naquela comunidade, porque as pessoas estavam ocupadas na construção da casa. O que isso significa? O que se compreende por evangelização? O que é *amizade social* senão amar a carne necessitada do outro como fez o samaritano? Para os cristãos é sempre bom lembrar: a fidelidade ao seu Senhor é proporcional ao amor que nutre no serviço dedicado aos irmãos e irmãs.

Por isso, nunca é demais insistir na urgência de formação de comunidades consequentes com os valores presentes na prática de Jesus e testemunhados pelas primeiras comunidades cristãs. Para os bispos, nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil, a comunidade é “ambiente de vivência da fé e forma de presença da Igreja na sociedade” (DGAE-144). A comunidade possibilita “um ambiente humano de proximidade e confiança que favorece a partilha de experiência, ajuda mútua e a inserção nas variadas situações” (DGAE-34); vence “o anonimato e a solidão” (DGAE-30). Promove a “mútua ajuda” e abre “para a sociedade e o cuidado da Casa Comum” (DGAE-84); ajuda a “encontrar critérios para interpretação e interação com a realidade” (DGAE-28); oferece “meios adequados para o crescimento na fé, para o fortalecimento na comunhão fraterna, para o engajamento na



missão e a renovação da sociedade (DGAE-33); suscita carismas e ministérios (DGAE-86,87); constitui-se como “testemunho do Evangelho encarnado na história, encravado nas realidades, comprometido com as dores e as lutas dos homens e das mulheres, dos jovens, das crianças e dos idosos de nosso país, expressão de uma nova realidade: o Reino de Deus” (DGAE-125).

Por isso, diante da Encíclica *Fratelli Tutti* muitos enfatizam a alegria da fraternidade, a beleza da amizade social, a importância de recuperar a ternura e a bondade, a urgência de não cair nos populismos, a importância do diálogo ecumênico e, muitos outros aspectos válidos e importantes. No entanto, sem a ética, uma ética da pessoa e da comunidade, a fé é vazia e inoperante, pois são as práticas e não as prédicas que contam para Deus. Não adianta dizer “Senhor, Senhor” e com isso organizar toda uma celebração e uma aeróbica religiosa sem os rostos humanos. Mais importante é fazer a vontade do Pai que é amor, misericórdia, justiça e perdão, coisas todas práticas, portanto, éticas (Mt 7,21).

E para concluir com as palavras de Francisco: “Viver indiferentes à dor não é uma opção possível; não podemos deixar ninguém caído ‘nas margens da vida’. Isto deve indignar-nos de tal maneira que nos faça descer da nossa serenidade alterando-nos com o sofrimento humano. Isto é dignidade” (FT-68). É neste contexto que na conclusão da Encíclica *Fratelli Tutti*, Papa Francisco evocando e citando o Beato Charles de Foucauld diz: “peça a Deus que eu seja realmente o irmão de todos” (FT-287).

Referências

BENTO XVI. *Carta encíclica Deus Caritas Est: Sobre o amor cristão*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html. Acesso em: 11 out. 2023.

BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2004.

BOFF, Leonardo. *A dimensão política da fé hoje*. Disponível em: <https://amerindiaenlared.org/contenido/18189/a-dimensao-politica-da-fehoje/>. Acesso em: 15 out. 2020.



BOFF, Leonardo. *Fratelli Tutti*: a política como ternura e amabilidade. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/603497-fratelli-tutti-a-politica-como-ternura-e-amabilidade-artigo-de-leonardo-boff>. Acesso em: 25 out. 2020.

BORGHESI, Massimo. *Jorge Mario Bergoglio*: Uma biografia intelectual. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2018.

CELAM. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Ed. CNBB; São Paulo: Paulus: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*: sobre a Igreja no mundo de hoje.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2019-2023*. Documento da CNBB 109. Brasília: Edições CNBB, 2019.

JAHANBEGLOO, Ramin. *George Steiner à luz de si mesmo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

MÜLLER, Gerhard Ludwig; GUTIÉRREZ, Gustavo. *Ao lado dos pobres*: teologia da libertação. São Paulo: Paulinas, 2014.

O'MALLEY, SJ, John W. *História Católica para a Igreja de Hoje*: Como o nosso passado ilumina o nosso presente. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2021.

PAPA FRANCISCO. *Encíclica Fratelli Tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade universal. São Paulo: Paulinas, 2020.

PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

PAPA PABLO VI. *“Evangelii nuntiandi”*. Disponível em: http://w2.va01.17771/PUCRio.ATeo.3447284 ATeo, Rio de Janeiro, v. 22, n. 59, p. 255-286, mai./ago.2018 tican.va/content/paul-vi/es/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 23 nov. 2017.

SCANNONE, Juan Carlos. *A Teologia do Povo*: Raízes teológicas do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2019.



SEGUNDO GALILEA. *Os demônios do apostolado*. Disponível em: <https://diocesevaladares.com.br/os-demonios-do-apostolado-segundo-galilea/>. Acesso em: 14 set.

SUSIN, Luiz Carlos. Da religião do sacrificio à religião da fraternidade. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 378-389, set./dez. 2010.

TOLENTINO MENDONÇA, José. *Nenhum caminho será longo*: Para uma teologia da amizade. São Paulo: Paulinas, 2013.

VATICANO II. “*Lumen gentium*”. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_sp.html. Acesso em: 23 nov. 2017.

VILLA, Mariano Moreno (dir.). *Dicionário de Pensamento Contemporâneo*. São Paulo: Editora Paulus, 2000.